

Maria Barroso

PRÉMIO FÉ E LIBERDADE 2012

Em primeiro lugar quero e devo agradecer a honra que me foi concedida pela grande Universidade Católica que muito admiro e que tem um papel fundamental, precioso, na nossa sociedade enriquecendo os jovens que a frequentam não só com as ciências, a cultura, os grandes saberes em vários sectores, mas também – e isso é importantíssimo, direi mesmo essencial! – com os grandes valores humanos, morais e espirituais que os preparam para o exercício, consciente e responsável, da cidadania.

Como dizia alguém há anos numa carta que foi publicada no New York Times, os saberes nas várias áreas do conhecimento nada valem se não forem acompanhados da descoberta e da vivência desses grandes valores. Se não – dizia o autor da carta – estamos a preparar cidadãos desumanizados, Eichmans educados.

Ora esta Universidade prepara, com o seu saber, muito rico e de muito elevado nível cultural, moral e espiritual, os jovens para serem os grandes actores de uma sociedade sábia, embebida de valores e daquela cultura do amor a que tão comoventemente se referia o grande e inesquecível Papa João Paulo II.

Vivendo – como vivemos hoje – numa sociedade envolvida numa crise mundial sem precedentes na História da Humanidade temos de nos empenhar



POR
**Maria
Barroso**

– e empenhar todos os outros cidadãos, a sociedade civil e sobretudo todos os grandes responsáveis pelos diversos países – a tomar consciência disso, fazendo um esforço conjunto para mudarmos o actual estado dela.

Saíu há pouco um livro muito interessante, em França cujo título é bastante expressivo “Le monde n’a plus de temps à perdre” que constitui um documento muito importante nesse sentido. Nele é feito um “Apelo para um Governo mundial solidário e responsável”.

Consideram que “para redefinir os princípios que deverão inspirar no futuro a conduta global dos deveres humanos” será necessário. – E cito: – Reconhecer as nossas interdependências; repensar os princípios jurídicos internacionais; afirmar um princípio novo (o da intersolidariedade planetária); tomar medidas de urgência (a erradicação dos paraísos fiscais, a separação dos bancos de depósito e de investimento especulativo, a taxação das transacções financeiras); relançar negociações fundamentais e respeitar quatro condições permanentes:

1 reafirmar o conjunto dos direitos fundamentais dos indicadores presentes, de os estender às gerações futuras e de reforçar a aplicação nos limites necessários, numa sociedade democrática mundial com o respeito de ordem pública nacional e supranacional.

2 reconhecer que a detenção de um poder de escala global, seja económico, científico, mediático, religioso ou cultural implica o corolário de uma responsabilidade global, quer dizer estendido aos efeitos desse poder.

3 incitar os Estados soberanos a reconhecer a necessidade de integrar a ordem pública supranacional à defesa dos valores e dos interesses comuns de que eles são o indispensável suporte.

4 Fortalecer o desenvolvimento das instituições representativas das comunidades internacionais, regionais, ao mesmo tempo que reforçar a comunidade mundial e a emergência de uma cidadania global a fim de elaborar uma política comum para a regulação dos fluxos assim como a prevenção dos riscos e a repressão dos crimes.

Esse livro está cheio de opiniões e visões do mundo de várias personalidades, muitas delas grandes pensadores que tiveram ou tem responsabilidades políticas na direcção de diversos países e

não só. Nesses textos denunciam, com preocupação e até angústia por vezes, as condições em que vivemos, apontando claramente os problemas que estão ferindo o mundo de hoje e que temos de encarar conjuntamente e conjuntamente encontrar as soluções.

E apontam “o esgotamento dos recursos naturais, a destruição irreversível da biodiversidade, a desregulação do sistema financeiro mundial, a desumanização do sistema económico internacional, fomes e penúrias, pandemias virais, desagregações políticas como os que mais perturbam e apoquentam o mundo.

E afirmam, muito justamente, que nenhum destes fenómenos pode ser considerado isoladamente. E fazem-no, com muita convicção e justiça:

“Eles estão todos fortemente interconectados e formam uma só «poly crise» ameaçando este mundo de uma «polycatástrofe»”.

Logo no preâmbulo Michel Rocard diz que nós, humanos, organizamo-nos segundo as nossas características, de acordo com a nossa língua, a nossa cor da pele, a nossa religião. E esses grupos, reorganizando-se entre si, criaram as nações.

As gerações nossas contemporâneas são as primeiras a ameaçar a vida das que nos seguirão.

É preciso reconhecer a nossa interdependência mútua.

E fazem o apelo que transcrevo e que é assinado por um grupo de personalidades de grande estatura política, cívica e moral que já referi – e que diz, rigorosamente, o seguinte:

“Nós apelamos pois – dizem eles – à criação de um caminho político onde possam definir-se concretamente os interesses superiores da humanidade, um lugar onde possam exprimir-se a diversidade e sabedoria das culturas, através dos representantes da sociedade civil e das autori-

dades morais, intelectuais e científicas. Nós apelamos aos representantes dos Estados para fazerem pressão sobre a Assembleia Geral da ONU, a fim de chegar à adopção de uma “Declaração Universal de interdependência” que se propõe como objectivo fazer respeitar o dever de protecção das populações contra os riscos, presentes e a vir, e responsabilizar os diversos actores da mundialização.

Nós apelamos – dizem a terminar o importante documento – em suma, para reencontrar o espírito pioneiro da Carta das Nações Unidas que proclamava: “Nós os Povos”.

E quem ou que instituição, meus Senhores, está bem apetrechada, melhor apetrechada para preparar os jovens do que vós, nesta magnífica Universidade para lhes abrir um caminho que os leve à defesa dos superiores interesses da Humanidade?

Dizia o grande Cardeal Paul Poupard, que foi Ministro da Cultura do Vaticano durante vários anos (e até esteve aqui na Universidade quando o convidei a vir ao lançamento, em Portugal, de um dos seus magníficos livros no Sínodo dos Bispos Europeus de 1999:

“O Desígnio de Amor de Jesus Cristo que nos libertou repercute-se como apelo à liberdade criadora dos cristãos, para fazer emergir a nova Europa na sua dimensão essencial, espiritual: o cristianismo modelou a Europa e o Evangelho selou a identidade do Homem europeu com marca indelével.”

E mais adiante no seu admirável discurso dizia ainda:

“O futuro está em aberto. Todos os Europeus dele são responsáveis.”

E acrescentava:

“A Europa dispõe de uma inteligência cristã às dimensões do continente. Pode contar com ela para refontalizar a sua

memória, avivar a sua consciência, preparar o seu futuro. A experiência vivida de Deus é fonte inesgotável de inspiração criadora e de esperança, no seio da família universal de Cristo.”

E mais à frente ainda dizia:

“A cultura europeia, tornou-se uma parte notável da civilização mundial. O futuro da Europa e do Mundo depende da espiritualidade que os Cristãos saberão oferecer ao Homem de hoje, para responder às suas necessidades, às suas aspirações e às suas faltas para identificar as causas dos seus erros e assim os remediar, tarefa das mais urgentes à entrada no terceiro milénio.”

E terminava, também ele, com um apelo muito interessante e significativo:

“A Europa conta com homens e mulheres de cultura, profundamente cristãos, chamados a desempenhar papel de primeiro plano nos anos que vêm. A Igreja tem necessidade deles: sabe que pode contar com eles para a nova evangelização do continente.”

E dizia ainda, referindo-se ao Papa no mesmo Sínodo:

“Vós Santo Padre, viestes dizê-lo aqui mesmo: “a vossa colaboração ajudar-nos-á a revelar ao homem europeu a riqueza das suas raízes e a grandeza da sua vocação, a iluminar a sua vida pessoal e social, a colocar com justiça as questões fundamentais que o tocam para lhe fazer descobrir a verdadeira felicidade naquele que liberta do império do mal e da perda do sentido da morte, naquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida.”

Jesus Cristo não é apenas memória do passado – diz Paul Poupard; Ele é, antes de mais, memória do futuro.

É nesse futuro, digo eu, que estamos todos pensando e agindo e principalmente vós, grandes valores desta tão justamente prestigiada Universidade, estruturando as mentalidades dos que aqui acolhem e formam de modo a prepará-los para serem os construtores de uma sociedade, de um mundo melhor inspirados na maravilhosa doutrina cristã. ■

in *Nova Cidadania*, Nr. 48, Outubro de 2012



As gerações nossas contemporâneas são as primeiras a ameaçar a vida das que nos seguirão. É preciso reconhecer a nossa interdependência mútua